

Diocese de Franca
CNBB Sul 1

Eis o mistério da fé!



Subsídio Litúrgico
2021



Diocese de Franca

Diocese de Franca CNBB Sul 1

Eis o mistério da fé!

Subsídio litúrgico
2021

Como utilizar esse material

A Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia, afirma que os ritos devem brilhar “por sua nobre simplicidade; devem ser claros e breves, “ao alcance da compreensão dos fiéis, para evitar a necessidade de muitas explicações” (SC, 34). Mas também sugere, por necessidade, uma catequese e orientações, “esclarecimentos breves”, nos momentos mais oportunos durante o rito (Idem, 35,3).

A Igreja tem insistido numa catequese de iniciação à vida cristã, de inspiração catecumenal, pois tem consciência da fragilidade na formação da grande maioria dos que se dizem católicos. “São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial” (DAp, 286). Mesmo naqueles que participam com mais regularidade, há uma defasagem na compreensão da fé, das Sagradas Escrituras, dos sacramentos, da riqueza do que é a Igreja católica e sua doutrina.

A proposta que segue não quer substituir uma formação mais sistemática que deve ser organizada pela Diocese e paróquias, através dos seus organismos, principalmente a catequese.

Sendo que a “Eucaristia é o lugar privilegiado” (Idem, 251) de encontro com Jesus Cristo, em comunhão com a Diocese que dedica o ano de 2021 à esse Sacramento, em preparação ao seu Jubileu de 50 anos de criação e instalação canônica, queremos redescobrir o tesouro da Santa Missa e a amar Cristo ali presente.

Seguem os roteiros de reflexão, distribuídos conforme os Domingos do Tempo Comum, com uma lógica de formação, principalmente sobre o corpo da Missa, com suas duas partes mais importantes, liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística, mais os ritos iniciais e finais. Estão inseridas outras reflexões ligadas à celebração desse sacramento, com a intenção de despertar nos fiéis um fervor ainda maior à Eucaristia.

O sacerdote poderá ele mesmo fazer a catequese, antes da homilia, ou em outro momento, também poderá designar alguém da comunidade para tal, no final da Missa, antes da bênção. É bom não se estender muito na catequese, de 3 a 5 minutos, dependendo do tema, um pouco mais. As reflexões são sugestões, mas cada um é livre para explicar do seu jeito.

APRESENTAÇÃO

O Concílio Vaticano II retomou uma antiga tradição da Igreja, definindo a sua missão, espiritualidade e identidade a partir de três tarefas: santificar, ensinar e governar o povo de Deus. São três múnus intimamente ligados entre si, que se completam a se harmonizam, sendo que o primeiro dá sentido aos demais, pois “nenhuma atividade pastoral pode-se realizar sem referência à liturgia” (Puebla, 927); ela “é o cume para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte da qual emana toda a sua força” (SC, 10); é “obra de Cristo” e “ação de sua Igreja” (CIgC, 1071).

A fé é uma experiência de encontro de amor com a pessoa de Jesus Cristo, que acontece “de modo admirável, na Sagrada Liturgia”, sendo que a “Eucaristia é o lugar privilegiado” (DAP, 250-251), pois “todo bem espiritual da Igreja está contido” nela, “isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, por sua carne, vivificada e vivificante pelo Espírito Santo dando vida” a nós (PO, 5).

Na celebração da Páscoa com os Doze, Jesus nos deixou três grandes presentes: a instituição da Eucaristia, a instituição do sacerdócio e a virtude da caridade. Na Quinta-feira Santa meditamos e contemplamos o Mistério Eucarístico e voltamos em espírito ao Cenáculo: ali é a nossa casa. Como dizia o Papa João Paulo II: “no Cenáculo temos a Santa Aula para a nossa vida” (Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa do ano 2000).

Qual é o valor da Eucaristia para nós? Na mesma Carta citada do Santo Padre, ele fez alguns apelos aos sacerdotes, que cabem a todos os católicos: que sejamos fiéis a “dádiva do Cenáculo”, ao “grande dom da Quinta-feira Santa”; que celebremos sempre com fervor a Eucaristia; que façamos adoração ao Cristo eucarístico; que inscrevamo-nos na “escola da Eucaristia”; que tenhamos uma relação pessoal com a Eucaristia. Nela encontramos o conforto para a nossa vida, o segredo para vencer a solidão, o apoio para suportar os sofrimentos, o alimento para retomar o caminho depois do desalento, a energia interior

para confirmar a nossa fidelidade. O nosso testemunho de amor à Eucaristia é fundamental. Neste Ano Jubilar de nossa Diocese, dedicado à Eucaristia, vamos redescobrir o tesouro da Santa Missa e a amar Cristo ali presente.

Que Maria, Imaculada Conceição, seja nosso modelo de fé eucarística, pois ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus e ao longo de toda a sua existência ao lado do seu Filho Cristo, viveu a dimensão sacrificial da Eucaristia.

Na Eucaristia, a Igreja une-se plenamente a Cristo e ao seu sacrifício com o mesmo espírito de Maria. Recebemos o dom da Eucaristia, para que nossa vida, à semelhança de Maria, seja toda ela um magnificat.

Dom Paulo Roberto Beloto,
Bispo Diocesano

2º Domingo do Tempo Comum 17 de janeiro de 2021

Nomes dados à Eucaristia

Caríssimos irmãos, a Eucaristia é o coração da nossa identidade, espiritualidade e missão apostólica. É o grande presente que Jesus nos deixou para celebrarmos o nosso encontro com Ele, o lugar privilegiado, pois nela recebemos esse bem espiritual da Igreja, Cristo, nossa Páscoa.

Qual é o valor da Eucaristia para nós? É preciso fidelidade à Santa Missa, e celebrar sempre com fervor este Sacramento. Nele encontramos o conforto para a nossa vida, o segredo para vencer a solidão, o apoio para suportar os sofrimentos, o alimento para retomar o caminho depois do desalento, a energia interior para confirmar a nossa fidelidade.

A nossa Diocese está completando 50 anos de criação e instalação canônica. No Tríduo de preparação e celebração, 2021 é dedicado à Eucaristia. Queremos redescobrir o tesouro da Santa Missa e a amar Cristo ali presente.

Durante as Missas do Tempo Comum, vamos receber uma catequese sobre esse Sacramento, principalmente sobre as partes da celebração eucarística. Só ama quem conhece e cria laços de compromisso e responsabilidade. Queremos amar mais a Jesus Cristo presente no Santíssimo Sacramento.

Iniciando a nossa catequese, hoje vamos refletir sobre os nomes dados a esse Sacramento.

Eucaristia é a tradução de “Berakhá”, é o nome mais comum para o Sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, que significa oração de louvor, ação de graças e de bênção. Mas há outros nomes que foram surgindo nas origens e história do cristianismo, como: ágape, paz, assembleia, ceia do Senhor, fração do pão, reunião convivial, refeição comum, banquete, oração, aliança, mesa sagrada, alimento, santíssimo sacramento, mistério da fé, sacrifício, oblação, sacramento da caridade, comunhão, missa, santa missa, sacrifício do calvário. Todos esses nomes expressam o seu profundo significado: oração de louvor, bênção e ação de

graças ao Pai. Nele reconhecemos os benefícios de Deus: criação, redenção e santificação. “Na Liturgia, o Pai é reconhecido e adorado como a fonte e o fim de todas as bênçãos da criação e da salvação; no seu Verbo, encarnado, morto e ressuscitado por nós, ele nos cumula com suas bênçãos, e através dele derrama em nossos corações o dom que contém todos os dons: o Espírito Santo” (CIgC, 1082). A Eucaristia é o maior ato de louvor.

3º Domingo do Tempo Comum 24 de janeiro de 2021

O domingo

“Nós vivemos conforme o Dia do Senhor, no qual surgiu também a nossa vida. Como podemos viver sem ele?” (Inácio de Antioquia, Epístola aos Magnésios 9,12, citado por Joseph Ratzinger, Teologia da Liturgia, página 223).

Continuando a nossa catequese sobre a Eucaristia, trataremos hoje sobre o valor para nós do Domingo, dia do Senhor. “É o dia litúrgico por excelência, no qual os fiéis se reúnem para lembrar a paixão, a ressurreição e a glória do Senhor Jesus e dar graças a Deus, escutando a Palavra de Deus e participando da Eucaristia” (Diretório para os Bispos, 148), dia em que vivemos todo o Mistério de Cristo e da Igreja, dia do nosso culto por excelência. “Domingo e Eucaristia vão originalmente juntos; o dia da Ressurreição é o âmbito interior da Eucaristia” (Joseph Ratzinger, Teologia da Liturgia, p. 348)

O preceito dominical é fonte de liberdade autêntica, ajuda a viver cada um dos outros dias segundo o que se celebra do dia do Senhor. Perder o sentido do domingo, como dia do Senhor que deve ser santificado, é sintoma duma perda do sentido autêntico da liberdade cristã. Do domingo brota o sentido cristão da existência e uma nova maneira de viver o tempo, as relações, o trabalho, a vida e a morte.

O dia do Senhor é também o dia de repouso do trabalho. É indispensável que as pessoas não se deixem escravizar pelo trabalho. No dia consagrado a Deus o ser humano compreende o sentido da sua existência e também o trabalho.

No domingo podemos realizar muitas atividades: descansar, visitar algum parente, ir a uma chácara, a um clube, ao shopping, assistir a um jogo do nosso time, um programa de televisão, ou realizar outras coisas. Mas não podemos deixar de participar da Eucaristia.

Onde não é possível a celebração eucarística aos domingos, é bom que os fiéis se reúnam para louvar o Senhor e fazer memória do dia a Ele dedicado.

4º Domingo do Tempo Comum 31 de janeiro de 2021

O Ano Litúrgico

Queremos lembrar a vocês, que para distribuir através de um ano os mistérios de Jesus Cristo, Filho de Deus, sua vida, paixão, morte e ressurreição, para vivê-los, imitando ou comemorando o que Ele fez por nós, a Igreja instituiu o Ano Litúrgico. Cada ano constitui uma vivência do mistério total de Cristo, ressaltando em cada tempo ou em cada festa um aspecto do mesmo, desde o Advento, passando pelo Natal, a Epifania, a Quaresma, a Semana Santa, a Páscoa, Ascensão, Pentecostes, o Tempo comum, o mistério da Igreja, comemorado, sobretudo, nas festas dos Santos. O Ano Litúrgico é organizado em três ciclos: Anos A (Mateus), B (Marcos) e C (Lucas), intercalados com passagens de João.

Nós estamos no Tempo Comum, que nos leva a caminhar com Jesus em sua vida pública. Nesse tempo, temos 34 semanas, em dois ciclos: o primeiro é interrompido com a Quaresma; após Pentecostes, iniciamos o segundo ciclo, até a festa de Cristo Rei. As leituras são distribuídas por três anos, cada um seguindo um sinótico: seguimos no Ano B, são Marcos.

Nos domingos do Tempo Comum canta-se o glória e faz-se a profissão de fé. Um aspecto que este tempo salienta é a congregação do Povo de Deus: a assembleia se reúne no dia do Senhor para realizar as ações sagradas do culto cristão, para ouvir a Palavra e participar do seu sacrifício.

5º Domingo do Tempo Comum 7 de fevereiro de 2021

Tempos litúrgicos

Além do Ano Litúrgico, a Igreja celebra também os tempos.

Tempo do Advento: desde as primeiras vésperas do domingo que cai no dia 30 de novembro ou no domingo que lhe fica mais próximo, até antes das primeiras vésperas do Natal do Senhor. São quatro semanas, onde a Igreja vive a espera de Jesus Cristo.

Tempo do Natal: desde as primeiras vésperas do Natal até a festa do Batismo do Senhor. Tem como meta o acolhimento da sua presença.

Tempo Comum: primeira etapa, desde o dia seguinte à celebração da festa do Batismo do Senhor, até a terça-feira antes da Quaresma. Indica o caminho de Jesus no seu apostolado.

Tempo da Quaresma: desde a 4ª feira de Cinzas até a Missa da Ceia do Senhor. São 40 dias de preparação para a Paixão e morte redentora de Jesus na cruz.

Tríduo Pascal da Paixão e Ressurreição do Senhor: desde a 5ª feira à noite com a Missa da Ceia (depois do pôr do sol) até à tarde do domingo da Páscoa da Ressurreição com as Vésperas. Celebramos o Mistério Pascal, Morte e Ressurreição de Jesus.

Tempo Pascal: são 50 dias, entre o domingo da Ressurreição e o domingo de Pentecostes. Contemplamos o Jesus ressuscitado, vivo e glorioso, e celebramos o envio do Espírito Santo sobre a Igreja.

Tempo Comum: segunda etapa, desde a segunda-feira depois do domingo de Pentecostes, até antes das Primeiras Vésperas do 1º domingo do Advento.

Durante o ano litúrgico, a Igreja celebra a bem-aventurada Virgem Maria, faz memória dos apóstolos, dos mártires e de outros santos e santas.

6º Domingo do Tempo Comum 14 de fevereiro de 2021

Partes da Missa

Caríssimos, estamos conhecendo um pouco melhor a celebração eucarística, numa catequese que vai percorrer o Tempo Comum da nossa liturgia. Hoje vamos fazer uma introdução às partes da missa. Iremos interromper a nossa formação durante a Quaresma, Semana Santa e Páscoa. Retornaremos na segunda parte do Tempo Comum, no mês de junho.

Na Eucaristia todos somos convocados por Deus. Ele toma a iniciativa de nos chamar para viver essa comunhão de amor. Nós respondemos com a nossa fé e nossa disposição interior e exterior.

A Missa tem um corpo, com duas partes mais importantes: A Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Celebramos esses dois grandes momentos em torno de duas mesas: mesa da Palavra e mesa da Eucaristia. Deus nos fala, exorta, aconselha, orienta, alimenta e nos fortalece com a sua Palavra e com o Corpo de Cristo.

Entre as duas grandes partes da Missa, temos os ritos iniciais e finais, que ajudam a assembleia a entrar no clima do mistério a ser celebrado, e ser enviados para viver dos frutos da Eucaristia.

Durante a Quaresma ou Páscoa, sugerimos que cada um procure ler algum texto bíblico ou livro que tratam da Eucaristia.

10º Domingo do Tempo Comum 6 de junho de 2021

Ritos iniciais

Retomamos a nossa formação sobre a Santa Missa, explicando os ritos iniciais. Eles ajudam a assembleia litúrgica a entrar no clima do mistério a ser celebrado. “Os cristãos acorrem a um mesmo lugar para a assembleia eucarística, encabeçados pelo próprio Cristo, que é o autor principal da Eucaristia” (CIgC, 1348). Com breves palavras, o comentarista acolhe os fiéis (nas celebrações litúrgicas, todos devem se sentir acolhidos, pois estão na casa do Pai, em clima de comunhão e fraternidade), situa a cerimônia no contexto do tempo litúrgico e das circunstâncias da vida da comunidade. Suscita atitudes de oração e convida a assembleia ao início da celebração com o canto de entrada, próprio para esse momento. O canto acompanha a entrada do sacerdote e seus ajudantes. Sua função é favorecer a união dos fiéis em assembleia. Na procissão pode-se levar a cruz, velas acesas, Evangeliário, turíbulo com incenso.

Ao entrarem no presbitério todos fazem a inclinação ao altar. O presbítero, juntamente com o diácono, se houver, beijam-no. O celebrante faz a incensação da cruz e do altar, e se dirige ao lugar da presidência.

Sinal da cruz e saudação: profissão de fé no Deus trino, gesto fundamental da oração cristã, reconhecimento da presença do Senhor, da sua graça, amor e comunhão. A assembleia se alegra e dá graças. A saudação e a resposta dos fiéis manifestam o mistério da Igreja reunida em assembleia.

É muito importante que cada um chegue uns minutos mais cedo, antes de iniciar a Santa Missa, para poder rezar em silêncio e se preparar bem para o mistério a ser celebrado. Chegar em cima da hora ou depois da Missa ter começado, dispersa e não ajuda a criar um clima de interioridade.

11º Domingo do Tempo Comum 13 de junho de 2021

Ato penitencial

O Ato Penitencial não é um Sacramento, mas é muito importante na celebração eucarística. É o reconhecimento diante de Deus da condição de pobreza e pecado, necessidade de purificação e acolhida da misericórdia do Senhor. É uma preparação geral para se ouvir a Palavra de Deus.

O sacerdote faz uma introdução espontânea, ou seguindo fórmulas do ritual, convidando a um ato interior de arrependimento. Faz-se uma breve pausa para uma reflexão pessoal. Também há fórmulas no rito: Confesso a Deus... Tende compaixão...; Pode-se fazer a bênção e aspersão com água, cantar. O sacerdote conclui com a absolvição geral.

O Senhor, tende piedade de nós, não pertence propriamente ao Ato Penitencial. Vem depois e pode ser cantado.

A aspersão com água benta substitui o “Senhor, tende piedade de nós.

O Ato Penitencial celebra uma experiência fundamental em nossa espiritualidade, que é a misericórdia divina, revelada por Jesus Cristo. O que movia o Senhor era apenas a misericórdia. Ele nos ensinou um remédio para curar os nossos pecados: não veio “chamar os justos, mas sim os pecadores” (Mt 9,13). A consciência dos nossos pecados nasce da experiência do amor de Deus, que nos amou e nos escolheu “antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor” (Ef 1,4). Somos justificados pelo sangue de Cristo, dele recebemos a reconciliação (Rm 5,8-11; Ef 1,7; 1Pd 1,18). A Igreja recebeu de Cristo as chaves do Reino dos céus, para dizer o poder e atar e desatar os pecados. Ela é mediadora da reconciliação. Na Eucaristia somos inundados pela misericórdia divina.

12º Domingo do Tempo Comum 20 de junho de 2021

Glória

Pode ser recitado ou cantado. É um antigo hino pelo qual a Igreja, reunida no Espírito Santo, glorifica a Deus Pai e ao Cordeiro. É súplica e louvor ao mesmo tempo, recitado aos domingos (exceto no Advento e na Quaresma), nas solenidades e nas festas.

O Glória nos lembra que a oração de louvor é um patrimônio bíblico e da tradição cristã. É a melhor oração que podemos dirigir a Deus. Brota do coração reto e humilde que contempla a sua grandeza, sua bondade, sua justiça, sua salvação, seu auxílio, sua misericórdia, sua glória, seus maravilhosos desígnios. Louvamos a Deus em tudo. É um sacrifício agradável a Ele.

Oração do dia

Esta oração, também chamada coleta, encerra os ritos iniciais, lançando a assembleia no mistério a ser celebrado. O sacerdote convida o povo a orar, cantando ou dizendo com as mãos juntas: Oremos. É um chamado a oração, conscientes de que estamos na presença de Deus. Numa breve pausa, todos rezam em silêncio. O sacerdote reza a oração, suplicando a Deus Pai, concluindo por Jesus Cristo, no Espírito Santo. O povo aclama: Amém, dando seu assentimento.

13º Domingo do Tempo Comum 27 de junho de 2021

Liturgia da Palavra

No decorrer da história, o sacramento da Eucaristia foi ganhando elementos que ajudam na sua celebração. Mas dois grandes momentos que formam a sua unidade, prevalecem: “Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística, que constituem juntas “um só e mesmo ato do culto” (CIgC, 1346).

Temos a presença da Palavra de Deus ou textos da Igreja: Bíblia, Missal, Lecionários, Rituais, Pontifical, Diretório Litúrgico.

A Liturgia da Palavra é o primeiro grande momento da celebração eucarística. “As divinas Escrituras sempre foram veneradas como o próprio Corpo do Senhor pela Igreja, que – máxime na sagrada Liturgia – não cessa de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, tanto da mesa da Palavra de Deus, quando da mesa do Corpo de Cristo” (DV, 21). Por ela, o Senhor nos convoca, nos ensina e nos fala. É um diálogo, através das leituras, entre Deus e o seu povo.

As leituras escolhidas da Sagrada Escritura, estão em sintonia com o tempo litúrgico, domingos e festas. Aos domingos e solenidades, são três leituras, de semana, duas. Nos tempos fortes, as leituras estão conforme os mistérios celebrados. A primeira leitura é tirada do Antigo Testamento, em sintonia com o Evangelho. A segunda, quando houver, é tirada dos apóstolos.

Terminada a coleta, estando todos sentados, o leitor se dirige ao ambão (mesa da Palavra) e recita a primeira leitura. No fim da leitura, diz Palavra do Senhor, todos respondem: Graças a Deus. Depois, o salmista ou o próprio leitor, canta ou recita o salmo, como uma meditação sobre a palavra ouvida. A assembleia participa com um estribilho. Quando houver, outro leitor profere a segunda leitura.

O Evangelho é o ponto alto da Liturgia da Palavra. Todos de pé, celebram com ritos expressivos, cantos de aclamação, Aleluia. O diácono (ou o sacerdote) se dirige ao ambão, saúda ao povo, faz

o sinal da cruz sobre o livro, com a assembleia, sobre si mesmo na frente (que a mensagem do Evangelho penetre nas mentes), nos lábios (que ela seja proclamada) e no peito (acolhida e assumida em nossa vida). Se houver incenso, incensa o livro e proclama o Evangelho. Diz no final, Palavra da salvação, e todos aclamam: Glória a vós, Senhor.

15º Domingo do Tempo Comum 11 de julho de 2021

Homilia, profissão de fé, preces

A homilia é reservada ao sacerdote ou diácono, que procura “ajudar os fiéis a ler as Escrituras à luz do mistério pascal” e a “entrar no mistério através da celebração Eucarística” (Diretório Homilético, n. 18 e 21). A homilia deve ser bem preparada, com conteúdo, vocabulário acessível, boa apresentação e objetividade, que ajude os fiéis a compreenderem a mensagem e aplicá-la em suas vidas. Deve partir da Palavra proclamada na celebração, principalmente tendo como coração o Evangelho.

Terminada a homilia, pode-se guardar um momento de silêncio. Depois, de pé, aos domingos e festas solenes, todos recitam a profissão de fé, dando o assentimento e resposta à Palavra de Deus, ouvida nas leituras.

Por fim, com o convite do celebrante, o diácono ou leitor, faz as preces da assembleia. São orações de petição, súplicas ou intercessões pelas necessidades da Igreja, pela salvação do mundo, pelos que sofrem. A assembleia responde com alguma invocação comum. O celebrante conclui as preces com uma oração à qual a assembleia responde: Amém.

16º Domingo do Tempo Comum 18 de julho de 2021

Liturgia Eucarística

É o segundo grande momento da Eucaristia, na verdade, o seu coração. Possui três partes: preparação e apresentação das oferendas, Oração Eucarística e comunhão.

Preparação e apresentação das oferendas

Terminada a oração universal, o celebrante e o povo sentam-se, e o altar, mesa do Senhor, centro da liturgia eucarística, é preparado. “A palavra “ofertório” deriva do latim offerre ou, mais provavelmente, operari. Offerre...” significa “apresentar”, “colocar à disposição” (Joseph Ratzinger, Teologia da Liturgia, p. 317). As oferendas são levadas: o pão e o vinho que servirão à ceia eucarística. Pão de trigo e vinho do fruto da videira constituem a matéria para o sacrifício, dons do Criador, frutos da terra e do trabalho humano. No pão e no vinho, toda a criação é assumida por Cristo Redentor para ser transformada e apresentada ao Pai.

O celebrante recebe a patena com o pão, segurando-a com ambas as mãos um pouco elevada acima do altar, diz em voz baixa a fórmula correspondente, colocando no final a patena com o pão sobre o corporal.

O diácono, ou o próprio presbítero, recebendo as galhetas, derrama vinho e um pouco de água no cálice, rezando em silêncio. Assim como a água é assumida pelo vinho, também somos assumidos por Cristo. Segurando o cálice com ambas as mãos um pouco elevado acima do altar, o celebrante diz em voz baixa a fórmula prescrita, e depois coloca-o sobre o corporal, cobrindo-o com a pala.

As orações em silêncio do celebrante sobre as oferendas do pão e do vinho, expressam o agradecimento ao Senhor, Deus do universo, por esses dons que recebemos de sua bondade, frutos da

terra, da videira e do trabalho humano, que são apresentados a Ele, e para nós vão se tornar pão da vida e vinho da salvação.

Inclinado no centro do altar, o sacerdote reza em voz baixa: De coração contrito e humilde, sejamos, Senhor, acolhidos por vós; e seja o nosso sacrifício de tal modo oferecido que vos agrade, Senhor, nosso Deus.

Se houver incenso, o celebrante incensa as oferendas, o altar e a cruz. Depois, lava as mãos, como sinal de purificação.

Enquanto acontece a preparação e apresentação das oferendas, pode-se executar um canto e os fiéis participam da coleta, “expressão de agradecimento a Deus pelos dons recebidos, bem como de corresponsabilidade pela manutenção da comunidade e de seus servidores e como gesto de partilha com os irmãos necessitados” (Documentos da CNBB, 108, páginas 55-56).

Virando-se para o povo, o celebrante, estende e junta as mãos, e convida o povo a orar, dizendo: “Orai, irmãos e irmãs... Depois da resposta: Receba o Senhor..., o celebrante estende as mãos e canta ou reza a oração sobre as oferendas. No fim, o povo aclama: Amém.

17º Domingo do Tempo Comum 25 de julho de 2021

Eucaristia e sacrifício

Uma das dimensões mais profundas da Eucaristia é a do sacrifício, pois nela se celebra o memorial da Páscoa de Cristo: anamnese. Torna presente o sacrifício que Cristo ofereceu uma vez por todas na cruz. A Missa é sacrifício: Cristo oferece o seu Corpo e Sangue para a remissão dos pecados. Ele morreu por nós. O seu sacrifício na cruz e na Eucaristia é um único sacrifício. Partir o pão não é apenas um gesto. É uma imolação. Quando Jesus parte o pão, parte a si mesmo. É um gesto de obediência ao Pai. Jesus dá de comer aos discípulos o pão da obediência e do

seu amor ao Pai. “Isto é o meu corpo... Este é o cálice do meu sangue”. Oferecer o corpo é oferecer a vida: tempo, saúde, energia, afetos, dons. Oferecer o sangue é oferecer a morte: dores, sofrimentos, oferecer tudo o que nos mortifica.

A Eucaristia é o mistério do Corpo e do Sangue de Cristo. Jesus fez de sua vida uma oblação, um oferecimento, um serviço de amor. A Eucaristia é doação e entrega, é sacrifício visível na qual se atualiza o sacrifício de Cristo na cruz. No altar e na cruz é o mesmo sacerdote e a mesma vítima.

"A Eucaristia é também o sacrifício da Igreja" (CIgC, 1368). Com Cristo, ela também é oferecida: a Igreja e os seus fiéis. Na Missa, o sacrifício de Cristo se torna o sacrifício dos membros do seu corpo: a vida dos fiéis, seu louvor, suas alegrias e sofrimentos, suas esperanças e decepções, sua oração, seu trabalho - tudo está unido a Cristo. "Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus" (Rm 12,1). Estamos no mundo “para o fim mais sublime que existe, que é ser um sacrifício vivo, uma eucaristia junto com Jesus” (Raniero Cantalamessa, Ungidos pelo Espírito, p. 122).

18º Domingo do Tempo Comum 1 de agosto de 2021

Oração Eucarística

É o ponto central e culminante de toda a celebração: todos se voltam para o oriente, para o leste, isto é, para o Senhor. É uma oração do próprio Jesus Cristo. O celebrante dá início à Oração eucarística, recitando o prefácio (várias opções), onde a Igreja rende graças ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, por todas as suas obras: criação, redenção e santificação.

Estendendo as mãos, o celebrante canta ou diz: O Senhor esteja convosco. Ao prosseguir: Corações ao alto, eleva as mãos; e, de mãos estendidas, acrescenta: Demos graças ao Senhor, nosso

Deus. O fiéis participam com as respostas próprias, e na conclusão, canta ou recita o Santo.

O celebrante continua com a Oração eucarística, seguindo as partes.

Epiclese

Invocação ao Espírito Santo “sobre o pão e o vinho, para que se tornem, por seu poder, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, e para que aqueles que participam da Eucaristia sejam um só corpo e um só espírito” (CIgC, 1353).

Narração da Instituição da Eucaristia

“Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo... Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue”. “In persona Christi”, o sacerdote diz as palavras de Jesus proferidas na Ceia Pascal. Ele recebe através da ordenação sacerdotal essa autorização sacramental dada pelo mesmo Jesus Cristo à sua Igreja.

“A força das palavras e da ação de Cristo e o poder do Espírito Santo tornam sacramentalmente presentes, sob as espécies do pão e do vinho, o Corpo e o Sangue de Cristo, seu sacrifício oferecido na cruz uma vez por todas” (Idem, 1353).

Damos o nome a este mistério de transubstanciação: Cristo presente de maneira verdadeira, real e substancial, corpo e sangue, alma e divindade.

O Catecismo da Igreja Católica diz que Jesus “está presente de múltiplas maneiras em sua Igreja”, mas, sobretudo, “sob as espécies eucarísticas”. “No Santíssimo sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente, o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo... É pela conversão do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo que este se torna presente” (CIgC, 1373-1374) na Eucaristia. A presença eucarística está na consagração e dura enquanto subsistirem as espécies eucarísticas.

19º Domingo do Tempo Comum 8 de agosto de 2021

Eucaristia, mistério da fé

No final da narrativa da instituição, o celebrante diz: Eis o mistério da fé, seguindo-se a aclamação da assembleia. O que é o mistério da fé? A própria resposta da assembleia já diz: morte e ressurreição de Jesus. O mistério da fé, é o mistério pascal, os acontecimentos da Quinta-feira Santa até a manhã da Páscoa. Essa é a obra de Cristo.

O Catecismo lembra o que diz Santo Tomás de Aquino: “A presença do verdadeiro Corpo de Cristo e do verdadeiro Sangue de Cristo neste sacramento não se pode descobrir pelos sentidos, mas só pela fé, baseada na autoridade de Deus” (CIGC, 1381).

A Eucaristia é mistério acreditado, mistério da fé. A fé da Igreja é essencialmente fé eucarística, pois é o mistério do próprio Deus, amor trinitário. É o grande mistério de misericórdia e amor levado ao extremo e sem medida a todos os homens.

A presença de Cristo na Eucaristia é por excelência, por isso é mistério da fé, verdadeiro banquete, onde Cristo se oferece como nosso alimento. A presença de Jesus! Como é fundamental para nós esta certeza. Uma criança, sem a presença de alguém é um nada desesperado. O ser humano, sem a presença de Deus, é um nada desesperado.

21º Domingo do Tempo Comum 22 de agosto de 2021

Anamnese e oblação

Memória da paixão, morte e ressurreição do Senhor e oferecimento ao Pai, do pão, do cálice, dos fiéis; invocação do Espírito Santo para a comunhão.

Intercessões

Pedidos a Deus Pai pela Igreja, falecidos, participação na vida eterna, em comunhão com Maria e aos santos. “A Eucaristia é celebrada em comunhão com toda a Igreja do céu e da terra, dos vivos e dos falecidos, e na comunhão” com os seus pastores (CIgC, 1354). A Eucaristia é um encontro entre a Igreja peregrina e a Jerusalém celeste.

Doxologia

O celebrante eleva o cálice e a patena com a hóstia consagrada (se houver diácono, este eleva o cálice) e profere (ou canta) sozinho a doxologia final da Oração eucarística. O povo aclama com o Amém. Esta oração de glorificação de Deus em Cristo e na Igreja, faz parte da ação de graças.

22º Domingo do Tempo Comum 29 de agosto de 2021

Rito da comunhão

Terminada a doxologia, o celebrante convida o povo à oração do Senhor, que pode ser cantada ou recitada por todos. “Quando orardes, dizei” (Lc 11,2). Pessoa de profunda comunhão com Deus e, por isso, de intensa oração, Jesus nos ensina a rezar o Pai-nosso, oração da Igreja, presente na vida e na liturgia, no ofício divino e nas celebrações dos sacramentos, nossa oração.

Embolismo

Só o sacerdote reza essa oração, com os pedidos ao Senhor: de livrar-nos do mal, perigos e pecado; de paz e misericórdia. Os fiéis respondem com outra doxologia: Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre!

Oração e rito da paz

Para se entrar em comunhão com Cristo, nossa paz, requer-se também a comunhão com as pessoas. Só o celebrante diz essa oração, onde suplica a paz e a unidade. Terminada esta, anuncia a paz, voltado para o povo. Se for conveniente, o mesmo celebrante, ou um diácono, convida os fiéis a saudação da paz, com um cumprimento de mãos ou beijo na face às pessoas aos lados.

O dar-se a paz entre os participantes na missa enriquece o seu significado, mas é preciso evitar abusos, como introduzir cantos e deslocamentos exagerados. A saudação da paz entre os fiéis, pode ser omitida.

23º Domingo do Tempo Comum 5 de setembro de 2021

Fração do pão

O celebrante dá início à fração do pão, deita no cálice uma partícula da hóstia, rezando em voz baixa. Esta indica união, paz, unidade do Corpo e Sangue. Enquanto isso, a assembleia canta ou recita o Cordeiro de Deus, que faz parte do mesmo rito.

Jesus é o “Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). No livro do Apocalipse, depois de escrever as cartas às comunidades, João tem a visão de uma “porta aberta no céu”, e ouve uma voz convidando-o a entrar para mostrar “as coisas que devem acontecer” (Ap 4,1). Entrando no céu, ele vê um trono e nele alguém sentado” (4,2), com um livro na “mão direita”, “lacrado com sete selos” (5,1). É o livro que contém o roteiro da história. Ninguém é capaz de abrir este livro (5,3), por isso João chorava muito (5,4). Um ancião o consola, dizendo que o “leão da tribo de Judá, o rebento de Davi, venceu, para abrir o livro e seus sete selos” (5,5). João vê um “Cordeiro, de pé, como que imolado” (5,6). O Cordeiro imolado é Jesus, o único capaz de

ler a nossa história e apagar os nossos pecados. Ele e o Pai, “que está sentado no trono”, são dignos “de receber o poder, a riqueza, a sabedoria e a força, a honra, a glória e o louvor” (5,12.13).

Apresentação do Pão eucarístico e comunhão: o celebrante reza em voz baixa, preparando-se para receber o Corpo e o Sangue de Cristo, os fiéis podem também rezar em silêncio. Depois, toma a hóstia e, levantando-a um pouco acima da patena, diz voltado para o povo: Eis o Cordeiro de Deus..., e responde junto com o povo: Senhor, eu não digno...

Enquanto o sacerdote e os ministros comungam, começa o canto de comunhão.

24º Domingo do Tempo Comum 12 de setembro de 2021

Comunhão

Recebe a comunhão quem está com a consciência reconciliada com Deus e com o próximo. A Comunhão pode ser recebida de joelhos ou de pé, na boca, como uma criança diante da gratuidade e bondade de Deus; ou na mão, fazendo um trono, representando a cruz, com uma delas para receber, servir e honrar o Senhor.

Em ocasiões especiais, como da Primeira Eucaristia, aconselha-se a recepção da Comunhão sob as duas espécies, diretamente na boca.

Comunhão Espiritual

Muitos, por diversas circunstâncias, estão impedidos de receber a hóstia consagrada. Mas isso não significa que a celebração eucarística é desprovida de valores para esses que não comungam. A orientação da Igreja, seguindo a sua tradição, no caso de um impedimento de receber a comunhão eucarística, é a

comunhão espiritual, que consiste no desejo de que Cristo esteja presente em nosso interior, em nossa alma. É uma graça para qualquer pessoa. Na verdade, a comunhão sacramental também é espiritual. Cada um, espontaneamente, expressando sua fé, seu amor e seu desejo de Jesus, como um pobre, suplica a sua presença em seu coração. E com certeza, Ele estará. Nós acreditamos e aceitamos pela fé as suas palavras: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Terminada a distribuição da Comunhão, um diácono, ou o próprio celebrante, consome o resto do Sangue, pode levar o cálice para a credência e aí, imediatamente ou depois da Missa, o purifica e o compõe. A purificação do cálice pode ser feita também no altar. Enquanto isso, os ministros levam para o sacrário as partículas consagradas que tiverem sobrado, e, na credência, purificam as âmbulas.

Oração depois da comunhão

É conveniente guardar um momento de silêncio após a comunhão, ou executar um canto de meditação ou um salmo. O sacerdote canta ou recita: Oremos, de mãos estendidas. No final da oração, o povo aclama: Amém. Nessa oração implora-se os frutos do mistério celebrado.

25º Domingo do Tempo Comum 19 de setembro de 2021

Ritos finais

Terminada a oração depois da Comunhão, todos se assentam. São dados os avisos de interesse da comunidade. Logo após, o celebrante saúda o povo, dizendo: O Senhor esteja convosco; com a resposta: Ele está no meio de nós. O sacerdote dá a bênção, que pode ser solene, seguindo uma das fórmulas com suas invocações, concluindo: Abençoe-vos Deus todo-poderoso,

e, fazendo o sinal da cruz sobre o povo. Se houver diácono, este despede o povo, ou o próprio celebrante, dizendo: Ide em paz...; e todos respondem: Graças a Deus. Depois, o padre beija o altar, faz-lhe a devida reverência. Durante a procissão de saída, canta-se um canto apropriado.

Todos retornam às suas casas, louvando e bendizendo a Deus.

Eucaristia e missão

Há uma relação estreita entre a Eucaristia e a vida cotidiana. A missa nos remete à missão. Quando participamos deste sacramento, recebemos os frutos da comunhão: aumento da nossa união com Cristo, aumento e renovação da vida da graça recebida no Batismo; remissão dos pecados; restauração das nossas forças; fortalecimento da caridade; união à Igreja e aos irmãos; compromisso com os pobres (CIgC, 1391-1397).

A espiritualidade eucarística abraça a vida inteira. Jesus Cristo é uma pessoa real cuja inserção na história é capaz de renovar a vida de todos. A Eucaristia, por isso, deve traduzir-se em vida segundo o Espírito.

João uniu a Ceia ao gesto do lava-pés (Jo 13,1-15) Esse gesto revela o que Jesus é e faz: é um Deus servidor, que se abaixa. “Ele se inclina para os nossos pecados sujos, para a sujeira da humanidade, e nos lava e purifica no seu amor maior” (Joseph Ratzinger, Teologia da Liturgia, p. 290). Revela também o sentido da existência humana: enquanto criados no Verbo, somos servidores: nossa missão é amar e servir. O cristão é aquele que segue o seu mestre no amor e no serviço.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, “Sacramentum Caritatis”, “Sacramento da caridade”, o Papa Bento XVI apresentou a Eucaristia como: mistério acreditado, celebrado, vivido e anunciado. Há uma ligação entre a realidade eucarística e a vida cristã, o amor que celebramos comunicamos. A Eucaristia é fonte e ápice da vida da Igreja e da sua missão. Ela deve ser verdadeiramente acreditada, devotamente celebrada e intensamente vivida. “O gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre

renovado por ter os sentimentos de Cristo Jesus, e para uma contínua conversão” (Conclusões de Medellin, p. 92).

A Missa é uma escola de santidade. Nela recebemos o alimento espiritual necessário para a nossa vida e missão, de viver o amor, o serviço, de sermos promotores da paz. Se celebramos na Eucaristia a presença real de Cristo, se Ele é a nossa paz, somos responsáveis por ela.

Um dos frutos da Eucaristia é a fraternidade. Se ela é sacramento da comunhão, tanto é que tornou-se linguagem familiar, quando vamos receber a hóstia consagrada, dizer “comungar”, pois comungamos com a luz que é Jesus, com o seu amor, com a verdade, tornamo-nos sinais de propagadores dessa experiência. Uma comunidade eucarística deve permanecer em comunhão com a Igreja, pois a Eucaristia cria comunhão e educa para a comunhão.

Muitos santos tornaram autêntica a sua vida graças à sua piedade eucarística. Sigamos os seus exemplos.

26º Domingo do Tempo Comum **26 de setembro de 2021**

Eucaristia e pessoas

A Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia, apresenta a celebração litúrgica como “ação de Cristo Sacerdote e de seu Corpo, que é a Igreja” (SC, 7). Nessa “obra de redenção”, Cristo é o verdadeiro sujeito principal. Mas há nela uma participação ativa de todos os fiéis, assembleia litúrgica que forma a Igreja. A Eucaristia edifica a Igreja, Corpo de Cristo. Uma única assembleia, um único corpo, com pessoas diferentes, com vocações, funções e serviços específicos.

Ministros ordenados: bispos, presbíteros e diáconos

Há uma relação estreita e íntima entre Eucaristia e ministros ordenados, de modo particular o sacerdócio, pois ambos os sacramentos nasceram juntos e estão indissolúvelmente ligados.

Bispos

Na diocese, o Bispo é o primeiro responsável do culto divino. A função santificante é exercida especificamente na pessoa de Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, e constitui o cume e a fonte da vida cristã. Como o Bispo é revestido da plenitude do sacerdócio de Cristo, torna-se seu instrumento. Através do seu ministério ele comunica a graça divina aos fiéis. “Na qualidade de Pontífice responsável pelo culto divino na Igreja particular, o Bispo deve regular, promover e custodiar toda a vida litúrgica da diocese” (Diretório para o ministério pastoral dos Bispos, 145). É fundamental que todos “deem máxima importância à vida litúrgica da diocese em redor do bispo: persuadidos de que a principal manifestação da Igreja se realiza na plena e ativa participação de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma Eucaristia, numa única oração, junto a um só altar, presidido pelo Bispo, cercado de seu presbitério e ministros” (SC, 41).

Presbíteros

O presbítero faz as vezes do bispo, por isso, a vida litúrgica da paróquia a ele confiada é de sua responsabilidade, de modo particular a celebração da Eucaristia, principal meio e fim do ministério sacerdotal. O padre é homem da Eucaristia, nela encontra o seu refúgio e o seu melhor repouso. Na celebração da santa Missa, o ministro que age "in persona Christi", encontra as indicações para o caminho de sua santidade. No altar é o momento do crescimento da sua intimidade com Jesus Cristo e o fortalecimento da prática das virtudes necessárias para o exercício do seu ministério. Quando cada sacerdote celebra a Eucaristia, juntamente com os fiéis, se compromete em oferecer a sua vida,

torna-se na Igreja e no mundo um sacrifício vivo, uma eucaristia com Jesus.

Diáconos

O diácono é um ministro ordenado, por isso, deve estar em comunhão com o bispo e os presbíteros.

Na Missa tem as suas funções específicas: proclamação do Santo Evangelho, recitação das preces dos fiéis, preparação do altar para o sacrifício, convidar os fiéis a saudação da paz, despedir o povo no final da celebração, fazer a homilia, quando for solicitado, ajudar a distribuir a comunhão.

27º Domingo do Tempo Comum 3 de outubro de 2021

Os fiéis leigos e leigas

Além dos ministros ordenados, a ação litúrgica da Eucaristia conta com a participação e o serviço, nos momentos corretos, de ministros da comunhão, comentaristas, leitores, cantores, salmistas, acólitos, coroinhas, recepcionistas, zeladores.

Todos esses serviços devem ser articulados e coordenados por uma equipe de liturgia, que tem como tarefas: planejar, programar, animar, formar, avaliar e coordenar a vida litúrgica da paróquia e comunidades. A celebração eucarística requer participação ativa, plena e frutuosa de todo o povo de Deus.

Para viver plenamente a sua vocação e missão, para ser sal e luz e assumir com fidelidade, entusiasmo e zelo apostólico os compromissos cristãos, os leigos e leigas precisam de uma força maior: do alimento deixado por Jesus, celebrado na Eucaristia. Na Missa, celebrada com fé, generosidade, disponibilidade e gratidão, celebram a sua união com Jesus Cristo, com a Igreja e com os irmãos, encontram a força para as debilidades naturais da

vida, crescem na graça e na obediência, na fortaleza, na esperança, no amor fraterno.

Para aqueles que não podem participar da celebração eucarística, no caso os enfermos, a comunidade eclesial deve garantir a assistência espiritual: eles devem receber, com frequência, a comunhão sacramental. Aos deficientes a comunidade deve facilitar a sua participação na celebração no lugar de culto. Seja garantida, na medida do possível, a comunhão eucarística aos deficientes mentais, batizados e crismados. Os presos necessitam ser visitados pelo próprio Senhor no sacramento da Eucaristia.

28º Domingo do Tempo Comum 10 de outubro de 2021

Adoração eucarística

A presença eucarística de Jesus está na consagração e dura enquanto subsistirem as espécies eucarísticas. Há, portanto, uma estreita relação entre celebração da Eucaristia e adoração. Por isso, o culto de adoração é feito durante a Missa, por exemplo, quando o celebrante, após mostrar a hóstia consagrada e o cálice com o sangue de Cristo, faz genuflexão para adorá-los; também durante a consagração, os fiéis que podem, ajoelham-se; há momentos de silêncio durante a celebração, próprios para uma interiorização do mistério celebrado, e fora dela. Receber a Eucaristia significa colocar-se já em atitude de adoração. Quando recebemos Jesus sacramentado, vamos a Ele para adorá-lo. A reverência vivida durante a celebração continua na adoração. Adorar o Santíssimo fora da Missa prolonga e intensifica aquilo que se fez na celebração litúrgica.

A adoração eucarística está referida ao Senhor, em sintonia com o mistério pascal e com a participação da ceia do Senhor. Deve brotar da celebração do memorial da Páscoa do Senhor e a

ele conduzir. É uma experiência que nos leva a uma profunda comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito.

A adoração é um ato simples, mas talvez o mais esquecido em nossa experiência de oração. É preciso estar diante do Senhor, no silêncio e na interiorização e oferecer a Ele própria presença.

A Igreja recomenda a prática da adoração eucarística tanto pessoal como comunitária. Devemos promover momentos de adoração comunitária, assim como incentivar e celebrar as exposições do Santíssimo Sacramento e fazer visitas de adoração a Cristo presente sob as espécies eucarísticas. A melhor atitude a ser prestada Àquele que se oferece como nosso alimento é dobrar os joelhos e no silêncio adorar.

29º Domingo do Tempo Comum 17 de outubro de 2021

Lugares e símbolos na liturgia

Na liturgia eucarística muitos elementos ajudam a celebrar, como o espaço e seus objetos, os elementos da natureza: tudo para nos conduzir e penetrar o grande mistério, que é Jesus, sua presença viva e eterna entre nós.

O espaço sagrado

O espaço litúrgico das celebrações, com sua nobreza, beleza, harmonia e simplicidade, deve ser um ambiente que favoreça a acolhida, a glorificação a Deus, a oração, a educação da fé, onde os fiéis possam se sentir Igreja, assembleia reunida em nome do Senhor.

No espaço sagrado, a Igreja ou o templo, se destaca, como local onde os fiéis, à luz da Palavra, se reúnem para a celebração do culto. Nesse espaço, temos um lugar sagrado por excelência, que é o altar, a mesa do sacrifício espiritual de ação de graças. Na liturgia, representa o próprio Cristo, trono do Deus vivo. A cruz,

colocada sobre o altar, lembra Aquele que foi transpassado, ponto de referência para todos, sacerdote e fiéis. O Sacrário ou Tabernáculo, onde se guarda o Santíssimo Sacramento. O presbitério, a credência, mesa das ofertas, cadeira do celebrante, o lugar da presidência, ambão, de onde se anuncia a Palavra de Deus. Depois, o lugar dos cantores e do órgão ou dos instrumentos musicais, o confessionário, o batistério ou pia batismal e o lugar reservado para a assembleia. Também no espaço sagrado da Igreja, podem vir as esculturas e as pinturas, tradição desde o início do cristianismo, sua finalidade é ajudar a mergulhar nos mistérios da vida de Cristo; veneração aos santos. Relicário: onde são guardadas as relíquias dos santos.

Elementos da natureza

Na liturgia católica os elementos da natureza estão presentes, pois é liturgia do Verbo encarnado, faz parte dela a matéria do mundo, em destaque: a água, a luz, as trevas, o fogo, o incenso, o óleo, as cinzas, as flores.

Também as cores ajudam a celebrar.

Branco: indica alegria, vida e felicidade. Utilizado nas missas dos tempos pascal e natal, nas festas, nas cerimônias festivas de Nossa Senhora, santos anjos, santos não-mártires, festa de todos os santos, são João Batista (24/6), são João evangelista (27/12), Cátedra de São Pedro, conversão de São Paulo.

Vermelho: indica sangue e fogo. Utilizado no domingo da Paixão, Sexta-feira Santa, festas dos apóstolos e evangelistas, celebrações dos santos mártires, missas de Crisma e Pentecostes.

Verde: indica crescimento e esperança. Utilizado no tempo comum.

Roxo: indica seriedade e penitência. Utilizado no advento e quaresma, missas de defuntos, confissões e unção dos enfermos.

Preto: indica tristeza e luto. Utilizado nas missas de defuntos.

Rosa: 3º domingo do advento e 4º domingo da quaresma. Indica alegria.

30º Domingo do Tempo Comum 24 de outubro de 2021

Objetos litúrgicos, utensílios e vestes

Além do espaço sagrado, elementos da natureza, temos na liturgia vários objetos e utensílios e vestes usados durante a celebração, como: as alfaias, o cálice, a patena, as ambulas, teca, velas, lamparina, círio pascal, cruz, turíbulo, naveta, colherinha, castiçais, caldeirinha, aspersório, campainhas, sinos, lâmpada do Santíssimo, conopeu (cortina diante da porta do sacrário), ostensório, luneta, galhetas, pratinho que sustenta as galhetas, lavabo, manustérgio, sanguinho, pala, corporal, véu do cálice, véu do cibório

As vestes litúrgicas indicam as funções de cada ministro: alva ou túnica - veste comum aos ministros ordenados de qualquer grau; casula, veste própria do sacerdote celebrante; estola – paramento litúrgico em forma de tira comprida, colocada no ombro esquerdo, quando o ministro for diácono, e nos dois ombros do presbítero; batina, roupa oficial dos sacerdotes; amito, utilizado sob a alva; dalmática, veste própria do diácono sobre a alva e estola; cingulo; capa pluvial ou capa de asperges, usada nas procissões, casamento, batismo, bênção do Santíssimo; sobrepeliz, usada sobre a batina; véu de ombros ou umeral, usado na bênção do Santíssimo; opa, vestimenta dos ministros extraordinários da comunhão.

As vestes litúrgicas não querem comunicar as pessoas, mas o Cristo. São sinais e instrumentos a serviço do culto, de Cristo.

31º Domingo do Tempo Comum 31 de outubro de 2021

O corpo da liturgia

O corpo é muito importante na liturgia, é comunicação e presença, é templo do Espírito. A oração exige a expressão do corpo. Nas celebrações o corpo fala, canta, faz silêncio, tem sentimentos, cheira, vê, toca, posiciona-se. Temos sinais com as mãos: sinal da cruz, unir, estender, impor, lavar, cumprimentar, dar as mãos, abraçar. Sinais com a cabeça: inclinar a cabeça, fechar os olhos, elevar os olhos, falar, sorrir, beijar, chorar, soprar, cobrir a face. Sinais com o corpo: inclinar o corpo, fazer genuflexão, estar de pé, ajoelhado, assentado, prostrado, caminhar.

Todos esses movimentos do corpo devem expressar a nossa oração, diálogo, atitudes e comunhão com Deus: louvor, gratidão, adoração, reconhecimento, confiança, escuta, atenção, recolhimento,

O silêncio

O silenciar pertence à liturgia. Não podemos esquecer essa necessidade, pois sem o recolhimento, a escuta atenta, a interiorização, o silêncio exterior e interior não há oração. Ele justifica-se por Deus. Precisamos aprender a escutá-lo, para isso, uma condição básica é o silêncio.

Faz parte da liturgia a escuta atenta e reflexiva. Há momentos próprios na celebração para essa atitude de interiorização: início da Missa, depois da homilia, na consagração, depois da comunhão, nas orações silenciosas do sacerdote.

33º Domingo do Tempo Comum 14 de novembro de 2021

A música litúrgica

A Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia, vê o “canto sacro” como “parte necessária e integral da liturgia solene”; a sua finalidade “é a glória de Deus e a santificação dos fiéis”; é um tesouro que deve ser “conservado e cultivado com muito cuidado” (SC, 182.185.188).

“O canto da Igreja... é sacramento, é simbolismo, isto é, o canto é um dos elementos que compõem a visibilidade, a corporeidade do simbolismo sacramental. Por meio deste sinal sensível, a Palavra cantada é veículo do encontro de Deus conosco e dos fiéis em Cristo entre si” (CNBB, Estudos 79, n. 355)

A tradição da música litúrgica tem raízes na Palavra de Deus - de modo particular nos Salmos -, tanto é que a palavra cantar e seus derivados aparecem dezenas de vezes na Bíblia. O canto nas Sagradas Escrituras é uma expressão de alegria, exultação, louvor, glorificação, mas também de súplica. É ali que tem origem a música sacra, que cedo foi inserida na liturgia cristã. Por isso, a Palavra é uma referência básica principalmente nos textos que compõem o canto litúrgico. A música ritual deve expressar o mistério pascal de Cristo. Paulo fala que o “Espírito intercede em nosso favor, com gemidos inexprimíveis” (Rm 8,26). Se Ele é amor, suscita em nós atitudes de amor, também no canto.

Nem todo conteúdo ou música pode fazer parte do culto cristão. Temos que ter como referência o próprio Senhor. Se Ele é o centro, a música litúrgica tem que estar a serviço da fé, da oração, ser humilde, que edifica e gera devoção; deve introduzir “os fiéis na glorificação de Deus, na sóbria embriaguez êxtase da fé” (Joseph Ratzinger, Teologia da Liturgia, p. 517). “Onde a liturgia é compreendida e vivida de modo correto, desenvolve-se também uma boa música sacra” (Idem, p. 518).

A Igreja, através do seu Magistério, insiste na formação litúrgica e musical dos futuros padres e agentes de pastoral, principalmente o canto gregoriano e a música sacra.

SEDAL – Serviço Diocesano de Animação Litúrgica,
Diocese de Franca – SP.

Siglas

CIgC	Catecismo da Igreja Católica
DAP	Documento de Aparecida
DV	Dei Verbum
PO	Presbyterorum Ordinis
SC	Sacrosanctum Concilium

Referências bibliográficas

BENTO XVI, Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB, 1ª Edição. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CANTALAMESSA, Raniero, *Ungidos pelo Espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Edições CNBB, 1ª Edição, 2013.

CERIMONIAL DOS BISPOS, *Cerimonial da Igreja*. São Paulo: Paulus, 3ª Edição, 2004.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium, Constituição Dogmática Dei Verbum, Decreto Presbyterorum Ordinis*. Brasília: Edições CNBB, 1ª Edição, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Sou católico, vivo a minha fé*. Publicações da CNBB 2, Subsídio. Brasília: Edições CNBB, 2007.

_____. *Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil, 2020, Ano A – São Mateus*, publicação do secretariado geral da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

_____. *Documento da CNBB 43, Animação da vida litúrgica no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

_____. *Documentos da CNBB 108, Ministério e celebração da Palavra*. Brasília: Edições CNBB, 1ª Edição, 2019.

_____. *Coleção Estudos da CNBB, 79, A música litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1999.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Edições Paulinas, 3ª Edição, 1977.

_____. *Documento de Puebla, A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Texto oficial da CNBB. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____ Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Diretório Homilético. Documentos da Igreja 19. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. Diretório para o ministério pastoral dos Bispos. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO, Missal Romano. São Paulo: Paulus, 1973.

JOÃO PAULO II. Carta aos sacerdotes, 2000.

RATZINGER, Joseph. Teologia da Liturgia, O fundamento sacramental da existência cristã, Obras Completas, Volume XI. Brasília: Edições CNBB, 1ª Edição, 2019.

Oração do Jubileu

Ó Deus, Pai amoroso, olhai o vosso povo que celebra o Jubileu de 50 anos da Diocese de Franca. Concedei-nos a graça da vossa bênção.

Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, ficai conosco e dai-nos o pão da Palavra e da Eucaristia.

Espírito Santo, fortalecei a nossa vida e ajudai-nos ser discípulos missionários.

Santíssima Trindade, obrigado pelos 50 anos de evangelização nessas terras.

Perdão, Senhor, pelos nossos pecados.

Nós vos pedimos a vossa luz para anunciar o Evangelho.

Queremos ser sinal de vida e esperança.

Maria, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, intercedei por todos nós.

Amém.

